

Líria Ribeiro Mendes

**A BICICLETA E SUAS VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:**

uma experiência na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.  
2019

Líria Ribeiro Mendes

**A BICICLETA E SUAS VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:**

uma experiência na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.  
2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade em estudar, outrora não possível, porém agora, da realização do conhecimento e da compreensão, através da Educação Física, do corpo em meio ao mundo, este, o veículo para a busca do aprimoramento e evolução humana.

Agradeço às minhas filhas Michele, Raquel, Bárbara e ao meu esposo Jorge, as contribuições e apoio nos afazeres cotidianos, para que eu pudesse cumprir essa jornada com dedicação e comprometimento.

Agradeço à UFMG, que foi e tem sido minha segunda casa, por me ensinar a pensar criticamente, compreendendo a realidade do contexto social em que estou inserida.

Agradeço aos docentes da EEEFTO, da FAE e do ICB que contribuíram para a minha formação, em especial meu agradecimento ao meu orientador, professor José Alfredo e aos professores Tarcísio Mauro Vago, José Ângelo, Admir A. Júnior, Cláudio Márcio e Andrea Moreno que foram determinantes para que eu adquirisse uma visão de mundo mais empática, altera e justa.

Meu agradecimento também ao professor Nísio Teixeira, do Curso de Jornalismo da FAFICH, pelo companheirismo no trabalho e importância imputada aos meus estudos, levando para o dia a dia conversas não só sobre Comunicação Social, como também sobre a Educação Física.

Agradeço aos amigos Lucas e Pacheco, da Global Bicletas e da Green Max Bikes, respectivamente, suas contribuições nas aulas ministradas, e, ao amigo Adirson, colega de trabalho que demonstrou sua solidariedade nesta fase tão importante.

Agradeço ao Diretor da Escola Geteco, professor Ricardo Faleiro, a atenção dispensada sempre que solicitado.

Não posso deixar de agradecer ao senhor Renato, vizinho e ex-aluno do GETECO, sua generosidade na montagem de uma bicicleta da Escola e viabilizando o seu uso na Educação Física escolar.

E, finalmente, agradeço ao professor Rodrigo Gavioli, em acreditar nas possibilidades de incorporação de conteúdos diferentes nas aulas de Educação Física, permitindo com que os alunos, na experiência em sala de aula, pudessem verificar na bicicleta o seu uso consciente e associar os conhecimentos compartilhados com as situações vividas no dia a dia.

Gratidão a todos.

“Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano”

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de Curso relata a experiência de estágio docente na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, popularmente conhecida como Escola GETECO, situada no distrito de Venda Nova, durante o segundo semestre de 2018, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Nesta Escola, a bicicleta adotada como ferramenta pedagógica e geradora de saberes, possibilitou a elaboração e o desenvolvimento de novas aprendizagens nas aulas de Educação Física, espaço em que os alunos puderam apropriar da bicicleta e experimentarem manifestações desta cultura corporal de movimento. A produção didático-pedagógica, contextualizando a bicicleta e o cotidiano dos alunos dentro e fora da Escola, trouxe conteúdos relacionados ao uso da bicicleta na sociedade e visibilidade às questões sociais que implicavam o seu uso na comunidade escolar. A abordagem da bicicleta nas três vertentes: lazer, mobilidade urbana e esporte, aproximou a comunidade escolar desta prática corporal difundida mundialmente, e, minimamente presente nos currículos escolares brasileiros. Na experiência escolar, os alunos e professores puderam analisar, problematizar, relacionar e interpretar os conceitos e práticas pertinentes ao conteúdo, buscando juntos, organizar e aplicar os conhecimentos compartilhados na construção e assimilação de uma aprendizagem significativa e transformadora da realidade social.

**Palavras-chave:** Bicicleta na escola. Cultura Corporal de Movimento. Educação Física.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 A CULTURA DA BICICLETA.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A BICICLETA NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL GERALDO TEIXEIRA DA COSTA ó GETECO.....</b>	<b>18</b>
<b>4 AVALIAÇÃO DAS AULAS.....</b>	<b>25</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Física compreende um grupo de conhecimentos apresentado nas diferentes formas: esportes, jogos, ginásticas, lutas, danças e esportes de aventura. De acordo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular ó BNCC<sup>1</sup>, a õbicicletaõ está inserida como conhecimento a ser desenvolvido no âmbito escolar, e, como prática corporal, está presente em diferentes espaços, o que nos aponta a necessidade de compreender o movimento da ação de pedalar nos diferentes contextos sociais, dentro das escolas, especialmente, nas aulas de Educação Física.

A ideia de promover um conteúdo diferente nas aulas de Educação Física, protagonizando o uso da bicicleta, se deu a partir de m questionamento da sua ausência como instrumento pedagógico a ser apropriado nas escolas e de como o conteúdo bicicleta e seus saberes podem ser tratados e desenvolvidos na esfera da cultura corporal de movimento. Para mais, um conteúdo diferente que vá além do õquarteto mágicoõ, este último constituído por conteúdos preferidos pelos alunos, como o futebol, o handebol, o basquetebol e o voleibol que frequentemente são oferecidos nas aulas. Os professores de Educação Física, na incorporação de conteúdos repetitivos ou de permitir sempre os conteúdos õeleitosõ pelos alunos, podem fazer com que estes alunos sejam privados de novos conhecimentos impossibilitando novas experiências de aprendizagem.

A implementação de novas práticas pode contribuir e gerar um processo educativo mais rico e diverso, levando os alunos a conhecerem e explorarem mais o conhecimento, e, na relação ensino e aprendizagem, construída em uma dimensão social, ao acompanhar as transformações sociais e dialogar com o cotidiano dos alunos, poderá permitir que os mesmos ampliem seus olhares, transformando os conhecimentos adquiridos em novos saberes. Segundo Lev Vygotsky (1987), a prática educacional deve seguir o princípio do relacionamento com o meio social e o desenvolvimento do conhecimento, sua elaboração e reelaboração, se dá pelas interações sociais e pelas situações de vida.

---

<sup>1</sup> O documento elege competências para a fundamentação dos currículos escolares na Educação Básica.

Também à luz dos estudos de Tarcísio Mauro Vago:

Se o currículo é um lugar de disputas, existe sempre a potência para que ele acolha e trate cuidadosamente das diversas culturas em circulação. É então que a escola pode organizar um modo seu para que os estudantes acessem os conhecimentos produzidos nas relações sociais. A escola tem aí condições para ser uma mediadora para os estudantes realizarem uma fruição crítica desses conhecimentos, incorporando suas contribuições para o embelezamento da experiência humana, contestando e recusando as mazelas que a empobrecem, campos abertos para a ação de professores e estudantes. A escola é um lugar situado entre as culturas porque estabelece relações com outros lugares em que os humanos produzem suas culturas ó nas ruas, nas praças, nos pertencimentos religiosos, na política, nas tantas manifestações artísticas, por exemplo. Nem poderia ser de outro modo, se compreendermos a escola como uma instituição envolvida nas práticas sociais (2009, p. 28).

A bicicleta por ser um objeto do cotidiano e presente no convívio das pessoas, e uma parcela das crianças, jovens e adultos a utiliza para o lazer e para o transporte, pode contribuir para o enriquecimento de experiências geradoras de saberes, tornando-se um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem. Ao difundirmos o conteúdo da bicicleta na escola, pelo viés pedagógico, dado o tratamento especial das manifestações da Cultura Corporal de Movimento, possibilitamos uma interação com as situações de vida em que os alunos estão inseridos, facultando-lhes a incorporação de saberes pertencentes da Cultura da Bicicleta, na transformação social e cultural do lugar. Desta forma, situamos a Escola nos contextos do cotidiano dos alunos e demais pessoas, e, resgatamos as tradições, práticas e costumes que se misturam com a realidade escolar. À parte, imprimimos um convite aos diferentes grupos de pessoas pertencentes à Escola, alunos, professores e funcionários, a produzirem diferentes olhares para esse objeto de estudo.

Diferentemente do que se vê na maioria das Escolas, a bicicleta quando abordada nos percursos escolares, e de acordo com Bocchini e Maldonado (2014, p. 279), sobre os conteúdos visitantes no âmbito escolar, normalmente, apresentados como uma proposta informal de um currículo turista, que, na maioria das vezes, se realiza através de atividades esporádicas ou comemorativas sem uma estruturação prévia, organizada, sistematizada e sem a mediação docente, necessárias para a aquisição de uma aprendizagem significativa e transformadora. Podemos organizar e direcionar os conhecimentos pertinentes ao conteúdo visando possibilitar o desenvolvimento de novos saberes e a transformação da experiência de andar de



bicicleta em algo significativo para os alunos. Os professores de Educação Física poderão intervir pedagogicamente através de discussões, problematizações e orientações acerca da utilização da bicicleta, nos diferentes meios sociais, retratando a importância do conteúdo e proporcionando experiências positivas que vão além dos exercícios físico e motor. Experiências em que os alunos percebam, ao andarem de bicicleta, maior contato com o ambiente que os envolve e uma interação mais qualificada com o meio físico e com as pessoas que compartilham o mesmo espaço social.

Ressaltamos que ao levarmos para a Escola questões tangíveis à bicicleta, com uma representação significativa desta Cultura, poderemos promover a construção de valores importantes na relação do convívio em sociedade. A construção didático-pedagógica de uma sequência didática e sistematizada em torno do eixo temático da bicicleta poderá contribuir para que os alunos desenvolvam competências individuais na aquisição da autoconfiança, independência e emancipação, importantes para a superação das dificuldades peculiares e existentes nas apropriações dos espaços públicos, e, também, o aprimoramento da consciência de cidadania e o desenvolvimento do respeito e empatia ao dividirem os espaços urbanos, caso aprendam a se colocarem no lugar do outro. Ademais, a prática educativa relativizando a bicicleta e o cotidiano dos alunos, no ambiente escolar, poderá instigar a criticidade dos alunos para o entendimento da sociedade em que estão inseridos, tornando-os cidadãos mais reflexivos. Na afirmação de Valter Bracht (1997), o educador na sua prática, quer queira ou não, é um veiculador de valores.

A abordagem da bicicleta, como temática no contexto escolar, foi idealizada por Ana Maria Destri, pedagoga e licenciada em Educação Física na Rede Municipal de Educação da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Após ganhar uma bicicleta de seu tio, que não gostou do modelo, Ana Destri passou a usá-la para a prática de atividade física e para o seu deslocamento diário, adotando a bicicleta também para o seu transporte até a escola em que trabalha, despertando a atenção de seus alunos, que ficavam curiosos como seria andar de bicicleta no trânsito urbano e como a professora passava com a bicicleta na ponte existente no trajeto a caminho da Escola. A curiosidade e o interesse dos alunos fez com que Ana Destri levasse a bicicleta para dentro da Escola e desenvolvesse atividades programadas nas aulas de Educação Física, nascendo o Projeto Bicicleta na Escola.

Segundo a professora Ana Destri, na sociedade contemporânea, o direito de ir e vir das pessoas passa a ser negligenciado quando não há respeito na mobilidade de cada um, e, com a intenção de promover o uso da cidade de forma harmônica e respeitosa, e aguçar o senso crítico dos seus alunos, questões sobre a mobilidade urbana, orientações sobre o trânsito e sobre a saúde foram sendo desenvolvidas na escola, usando a bicicleta nas aulas de Educação Física. (BICICLETA NA ESCOLA, 2012). A bicicleta passa a ser um instrumento político e pedagógico para a aquisição da aprendizagem e da conscientização dos alunos no processo de transformação da sociedade.

O seu exemplo na Escola, utilizando a bicicleta, fez com que Ana Destri fosse escolhida para conduzir a Tocha Olímpica nas Olimpíadas de 2016. Como voluntária em sua cidade, a professora atua em programas que promovem oficinas para ensinar pessoas a aprenderem a pedalar. Além de professora ciclista, é também ativista e viaja pelo mundo para falar da bicicleta e do seu papel como instrumento de transformação da sociedade contemporânea. Levou o seu projeto Bicicleta na Escola para o último encontro do Velo-City<sup>2</sup>, em 2018, no Rio de Janeiro, cujo evento propõe políticas públicas para a mobilidade com a bicicleta. Organizado pela Federação Europeia de Ciclismo, o evento promove debates acerca das questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o desenvolvimento do ciclismo no mundo.

Na oportunidade da minha prática de estágio docente obrigatório em Educação Física, na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, a bicicleta foi pensada como objeto de estudo da cultura corporal de movimento devido às características da Escola. Uma parcela dos alunos usava a bicicleta para o transporte escolar diário, e, na proximidade da Escola existiam algumas vias cicláveis que se estendiam no bairro e nas adjacências. Algumas avenidas e ruas próximas da Escola possuíam ciclofaixas que se apresentavam descuidadas e com a sinalização precária, como a pintura apagada e rebaixamentos irregulares no asfalto, levando a uma insegurança para a sua utilização.

---

<sup>2</sup> Evento anual iniciado em 1980, na cidade de Brémen, Alemanha.



Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Acervo da autora.

Estes aspectos foram determinantes para a proposição de aulas direcionadas para as temáticas relacionadas ao uso da bicicleta. Além da ausência de manutenção, a imprudência e o desrespeito de motoristas utilizando veículos automotores, e que compartilhavam as ciclofaixas e demais vias de acesso, indevidamente, faziam com que houvesse uma baixa apropriação dessas vias cicláveis pelas bicicletas. O contrário também nos leva a pensar que a não apropriação das vias destinadas aos ciclistas implica na falta da sua manutenção e na conduta negligente de seus usuários.

A idealização de uma Unidade Didática foi uma maneira de trazer mais visibilidade para esta questão social, e resgatar a (re)apropriação das ciclofaixas e de outras vias de trânsito de forma contínua e segura. A acolhida dos profissionais da Escola, em especial do professor Rodrigo Gavioli, com a sua coragem e disponibilidade para o desafio possibilitando o planejamento e o desenvolvimento de algumas aulas que viessem abordar alguns conhecimentos pertinentes à bicicleta.

A bicicleta pode ser vista e apropriada como um recurso de empoderamento e prazer, uma máquina pedagógica, um veículo para a construção comunitária, um símbolo de resistência contra as indústrias automotivas e de petróleo, e um instrumento para a crítica tecnológica, espacial e cultural (FURNESS, 2010, p.9 *apud* SARTORI, 2018, p.45).

A Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, também chamada de GETECO, está localizada no bairro Rio Branco, no distrito de Venda Nova, e atende em sua maioria, alunos do próprio bairro e de bairros vizinhos, como São João Batista, Santa Mônica, Letícia, Jardim Leblon e Piratininga, e uma minoria de alunos de bairros mais distantes. A Escola possui um espaço físico considerável que comporta 25 salas de aula, um auditório com dois pequenos camarins e banheiros, biblioteca espaçosa, uma sala para exposição de vídeos, duas salas de informática com 20 computadores cada, banheiros para os alunos nos dois andares, uma sala ampla para a direção escolar, sala da coordenação pedagógica, secretaria administrativa, sala para a convivência do(a)s professore(a)s equipada de 1 computador para o uso geral, um pátio para a convivência dos alunos nas proximidades da cantina e um espaço reservado para as comemorações escolares e festas estudantis. Possui, ainda, uma sala de dança com espelhos e barras para alongamento, um espaço bem equipado para a prática de lutas, além de uma sala para a guarda dos materiais de uso da Educação Física e quatro

quadras esportivas, sendo duas cobertas com banheiros próximos das mesmas. A Escola tem jardins bem cuidados, sendo que em um deles possui uma parede para a prática de escalada e também promove o cultivo de hortaliças para a comunidade escolar. No interior da Escola tem um estacionamento para os carros e um espaço delimitado para as motos aonde os alunos e demais usuários colocam suas bicicletas.



Fonte: Imagem gerada pela autora. "Bicicletário" da Escola.

Um fato importante ocorrido após o início da Unidade Didática, junto à turma de alunos, chegou ao nosso conhecimento: a Escola possuía algumas bicicletas que se encontravam desmontadas e guardadas em uma pequena sala, em um dos camarins, no auditório da Escola, havia uns quatro anos. A informação, até então desconhecida pelos frequentadores da Escola, inclusive, pelos docentes que ministravam a disciplina de Educação Física trouxe importância ao planejamento de ensino e fortaleceu a iniciativa de trabalhar o conteúdo, uma vez que a Escola não usufruía dessas bicicletas. A bicicleta se tornaria a protagonista da vez.

Assim, o presente estudo tem o objetivo de apresentar um relato da experiência de estágio docente junto à disciplina de Educação Física na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa, em que o conteúdo Bicicleta foi apresentado aos alunos, de forma planejada e orientada, com o intuito de promover um processo educativo significativo a partir do desenvolvimento de uma prática corporal cotidiana dos alunos.

Vale ressaltar que a seleção deste conteúdo específico suscitou uma intenção por parte da Escola da elaboração de um projeto de ensino que adequasse à situação da Escola em relação às suas bicicletas guardadas. O enfrentamento do desafio no gerenciamento de ações que viabilizassem o desenvolvimento de conhecimentos abrangentes ao eixo temático, como também o desdobramento na implicação da montagem das bicicletas da Escola e a implementação de um bicicletário para a viabilização desta prática corporal no âmbito escolar.



Bicicletas da Escola, guardadas e desmontadas desde 2014.

## 2 A CULTURA DA BICICLETA

A bicicleta é popularmente utilizada em grande parte do mundo e tem ganhado cada vez mais importância na sociedade contemporânea, seja com a sua ressignificação na mobilidade urbana tão necessária nos dias de hoje devido ao intenso trânsito de veículos nas ruas, seja para o lazer, ou uma prática cada vez mais restrita nas cidades ou como prática esportiva, podendo ser potencializada no alto rendimento esportivo, conforme as intenções do usuário.

A bicicleta, como prática cultural, remonta do século XIX, inicialmente na Europa<sup>3</sup>, onde pessoas que compunham uma camada social elitizada e com melhor poder econômico podiam adquiri-la como um bem. Sua produção industrial era exclusivamente na Europa que exportava para o restante do mundo. Devido aos elevados custos para importação, às altas taxas e dificuldades na produção ocasionadas pelos períodos de guerra, a bicicleta e suas peças possuíam um valor econômico alto.

A sua difusão e populismo pelo mundo acontece a partir de 1950, depois da Segunda Guerra Mundial, com a retomada da mão-de-obra para a produção em maior escala e com menor custo, o que favoreceu o aumento da sua exportação. Passa então a ser um produto mais acessível para as demais camadas sociais e começa a se transformar em um importante veículo na sociedade. Desta forma, no contexto mundial, a bicicleta vai possibilitando um outro jeito de locomoção pelas pessoas, tornando as cidades mais dinâmicas.

No Brasil, há indícios da sua chegada no final do século XIX, na cidade de Curitiba, no Paraná. Algumas bicicletas foram trazidas da Europa pelos organizadores do Clube de Ciclistas da cidade. Este clube era formado por imigrantes da colônia alemã que promoviam competições com bicicletas (GAZETA DO POVO, 2013). Curitiba, até os dias de hoje, tem em suas práticas corporais cotidianas a presença marcante da bicicleta, mesmo sendo uma cidade chuvosa e fria. Do mesmo modo, Rio de Janeiro era mais uma cidade que provavelmente relacionava-se com a bicicleta no final do século XIX. De acordo com Schetino (2009, p.131), um Clube de Regatas chamado Vasco da Gama e fundado em 1898, inicialmente com interesses voltados para a prática de ciclismo, mas, devido aos preços elevados das bicicletas à época, segundo o autor, o

---

<sup>3</sup> <https://www.ecycle.com.br/2831-bicicleta.html>, visitado em 13 abr.2019.

clube acabou se envolvendo com a prática de remo. Em outras cidades do Brasil, a bicicleta vai transformando a cultura do país ao longo do tempo.

A cidade de Joinville, no sul do Brasil, adotou a bicicleta como símbolo e foi nomeada a cidade brasileira das bicicletas, título adquirido em 1935, devido ao grande número de bicicletas em relação à quantidade de habitantes na cidade. Há indícios que o termo *obicicletário*<sup>4</sup> surgiu neste período, em Joinville, para nomear o estacionamento que uma grande empresa da cidade teve que construir para os seus operários. Na empresa, eram mais de 400 operários que tinham a bicicleta como principal meio de transporte para o trabalho.

No início do século XX, com o aumento da produção, a bicicleta vai surgindo cada vez mais no cotidiano das pessoas, homens, mulheres e famílias das cidades grandes ou do interior, vão se apropriando da bicicleta para diferentes finalidades. Contudo, a partir de 1980, o aumento da produção automobilística no Brasil fez com que a bicicleta passasse a ser preterida pelo carro mediante os incentivos implícitos para a aquisição de veículos automotores, como a representatividade de status social e a facilidade inculcada para a locomoção das pessoas.

Nas ruas, as bicicletas foram sendo substituídas pelos carros e aqueles que permaneceram usando este veículo, considerado então frágil, por razões econômicas ou sociais, se viram em uma condição de desvalorização da prática. Ao compartilhar as vias urbanas e os espaços públicos com os carros, os usuários de bicicleta, passam a ser incorridos a uma insegurança na sua mobilidade levando a uma redução da prática ciclística, inclusive na esfera do lazer. Conforme (LUDD, 2005, p.56 *apud* FERRARI, PIRES, 2011, p.11):

A indústria possui o monopólio da circulação quando a vida cotidiana passa a depender do deslocamento motorizado. (...)Por seu caráter dissimulado, seu entrenchamento, seu poder para estruturar a sociedade, esse monopólio é radical: obriga a satisfazer de maneira industrial uma necessidade elementar até então satisfeita de forma pessoal.

Apesar das transformações sociais e tecnológicas ao longo dos anos, a representação indelével, cultural, social e histórica da bicicleta ainda faz com que a sua

---

<sup>4</sup> <https://www.ecycle.com.br/2831-bicicleta.html>, visitado em 13 abr.2019.



prática seja (re)significada na sociedade contemporânea. No contexto mundial, a relação com a bicicleta vai compondo novas dimensões e simbologias. Conforme o contexto econômico-sócio-cultural de um país, a bicicleta vai deixando de ser somente um instrumento de locomoção e vai se transformando também em um instrumento gerador de possibilidades e de alternativas. Nas relações tangíveis à bicicleta, no âmbito individual ou coletivo, questões como a saúde, mobilidade urbana, trânsito, sustentabilidade, lazer, esporte e bem-estar se relacionam, cotidianamente, com a ação de pedalar imprimindo as características sociais, econômicas, políticas e morais que imperam na sociedade.

Em alguns países como a Dinamarca, Holanda, França e Austrália, a sua representatividade nas atividades diárias acontece com destaque e versatilidade. Copenhague, capital da Dinamarca é considerada referência mundial no uso de bicicletas como transporte, sendo que 62% da população dinamarquesa utiliza a bicicleta para a sua locomoção e, na concepção de uma mobilidade mais agradável, criou um modelo de bicicleta de carga para atender as necessidades diárias de transporte da população e diminuindo consideravelmente a quantidade de carros na cidade (GLOBO REPÓRTER, edição do dia 17/11/2017).

A bicicleta, como modo de transporte, diminui os problemas da mobilidade urbana principalmente nas grandes cidades. É um veículo mais sustentável, acessível e barato. Pode ser utilizada para os passeios que envolvam o lazer e a contemplação da natureza e nas apropriações urbanas com diferentes finalidades, tornando as cidades mais agradáveis e democráticas. O ato de pedalar permite a diminuição da poluição atmosférica e da poluição sonora, ambas prejudiciais à saúde e geradas pelo trânsito de veículos automotores; pode trazer benefícios de tempo e de economia para as pessoas que pedalam porque os usuários de bicicletas adquirem autonomia nos percursos percorridos, podendo escolher os trajetos com menor trânsito e, assim, não ficarem submetidos a trajetos específicos, o que não ocorre com os veículos automotores. As pessoas que usam a bicicleta, na maioria das vezes, ganham tempo nos trajetos percorridos e economizam com os gastos para o transporte.

A bicicleta, além de ser um transporte mais barato e durável, devido aos baixos custos de manutenção e não necessita de combustível, já que é um transporte de propulsão humana utilizando o corpo para executar o movimento. Ademais, este corpo que se movimenta adquire saúde física e emocional, confiança e bem-estar social. Ao

pedalar, o corpo se submete a diferentes sentimentos e sensações que se misturam com o ambiente ao redor, ambiente melhor apreendido quando se pedala, a percepção do meio é aprimorada aguçando e ampliando os sentidos da visão, da audição e do olfato, além do aprimoramento e desenvolvimento da lateralidade corporal.

A bicicleta, na sua prática corporal, permite produzir significados e simbologias que constituem e reproduzem a cultura de um país. Para Sartori (2018), o movimento corporal produzido ao pedalar está atrelado às práticas sociais e condicionado aos aspectos sociais, econômicos, políticos e morais. Conforme o sentido que o indivíduo dá na apropriação da experiência ao andar de bicicleta, vai construindo significados e formando o seu ser corpóreo em meio ao mundo (CARLOS, 2007, p. 43 *apud* SARTORI, 2018, p. 17). Dada a sua versatilidade, seja para o lazer, para a prática de esportes e para a mobilidade urbana e rural, a bicicleta permite diferentes formas de interação com o meio, atribuindo valores, costumes, tradições, levando ao fortalecimento do lugar. Desta forma, no Brasil e no mundo, a bicicleta vai possibilitando um modo na locomoção das pessoas e se insere na construção social dos lugares; vai ressignificando a ação de pedalar no movimento de transformar a sociedade.

(...)Pertence aos indivíduos, mas potencializa os encontros sociais. Serve tanto ao trabalho (como meio de transporte de mercadorias ou forma de deslocamento pessoal para os locais de labuta) quanto ao lazer (já que permite o ampliar das oportunidades de passeio e o acesso aos novos espaços de diversão, alguns dos quais situados nas redondezas da cidade). Pode ser usada nas situações de contemplação da natureza (algo caro no momento, uma influência do romantismo), mas também na realização de competições (celebrando a ideia de desafio e velocidade) (...) (MELO, SCHETINO, 2009, p.112).

### **3 A BICICLETA NO COTIDIANO DA ESCOLA MUNICIPAL GERALDO TEIXEIRA DA COSTA - GETECO**

O planejamento das aulas foi realizado com a turma 33 E, do 9º ano do Ensino Fundamental, sob a orientação do professor Rodrigo Gavioli. Para o desenvolvimento das aulas, foram definidas atividades em três diferentes formas de manifestação da bicicleta: Lazer, Mobilidade Urbana e Esporte. Inicialmente, o projeto seria desenvolvido em oito aulas, de sessenta minutos cada, entretanto, devido às intercorrências escolares e alterações no planejamento escolar foram propiciadas seis aulas para a turma de alunos, no período de 19 de setembro a 07 de novembro de 2018. Cada aula tinha seu início com todos os alunos em sala de aula, quando era dada uma breve explicação de como e onde deveria ocorrer as atividades propostas para aquela aula. Este movimento inicial permitia uma prática educacional guiada em que as ações pudessem ser organizadas para atender as demandas da turma de alunos e da Escola. A metodologia adotada permitia uma conexão mais próxima dos alunos ao ensino da Educação Física, principalmente para a minha atuação no estágio, e também na incorporação de um conteúdo diferente. Neste momento, pudemos garantir um movimento inicial de investigação da temática a ser desenvolvida e um relacionamento mais próximo na construção de diálogos com os alunos, e, obter assim, uma apuração sócio-cultural do alunado que compunha a turma 33 E.

Desta forma, uma Unidade Didática relacionando o cotidiano e interesses dos alunos com a bicicleta foi desenvolvida na Escola. A seguir, a sequência didática apresentada aos alunos e algumas imagens<sup>5</sup> das aulas durante a intervenção docente.

1º Encontro ó Data: 19/09/2018

Em sala de aula, no formato de roda, foi realizada uma conversa sobre a prática social relacionada ao uso da bicicleta em suas várias formas de utilização e como acontece a mobilidade usando a bicicleta no bairro e em outros meios sociais. Algumas perguntas foram lançadas aos alunos para guiar e compreender o entendimento da turma a respeito do tema, tais como: Vocês, algum familiar ou amigo possui bicicleta? Vocês gostam de andar de bicicleta? Quais as lembranças a respeito desta prática? Vocês conhecem os equipamentos de segurança utilizados para andar de bicicleta? Vocês os

---

<sup>5</sup> Nas imagens apresentadas, os rostos de crianças e adolescentes foram distorcidos para garantir o anonimato e o cuidado ético com os sujeitos do estudo.

utilizam? Se sim, quais deles utilizam? Já caíram ao andar de bicicleta? Qual parte do corpo machucou? Em quais situações e aonde costumam usar a bicicleta? Conhecem ciclovias? E ciclofaixas? O que diferencia as ciclovias das ciclofaixas? E as ciclorrotas, o que seriam? A cada pergunta e conforme os alunos iam compartilhando das suas experiências com a bicicleta, questões sociais, econômicas, psicológicas, emocionais e de saúde iam surgindo na turma.

Os diálogos com a turma promoveram algumas reflexões acerca da apropriação das ruas, do bairro, da cidade, e, de como as relações humanas são formadas com a prática do ciclismo, as suas relações com o trânsito e a mobilidade no meio social.

A turma foi dividida em três grupos para pesquisa e levantamento de informações e curiosidades sobre o ciclismo enquanto (1) Lazer ó (2) Mobilidade Urbana e (3) Esporte, para discussão no próximo encontro.

2º Encontro ó Data: 26/09/2018

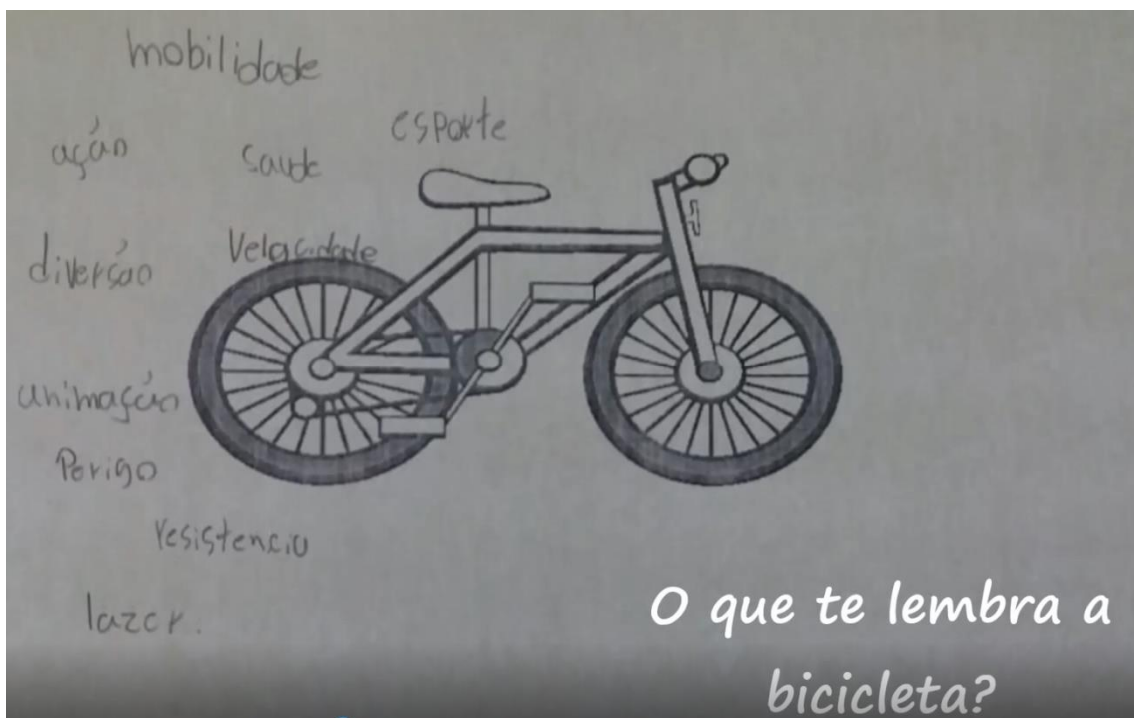
Na sala de informática da Escola discutimos sobre as temáticas pesquisadas pelos alunos que trouxeram para o conhecimento da turma informações e curiosidades acerca do uso da bicicleta. Os alunos trouxeram o uso da bicicleta em algumas modalidades esportivas e modelos específicos para a prática, além de reportagens sobre o uso da bicicleta como meio de transporte e como meio de trabalho e do seu uso para passeio e diversão. Nesta aula houve uma pequena discussão sobre o Código de Trânsito Brasileiro, dos direitos e deveres dos ciclistas e também dos usuários de veículos automotores para a promoção de um trânsito seguro e democrático.

3º Encontro ó Data: 03/10/2018

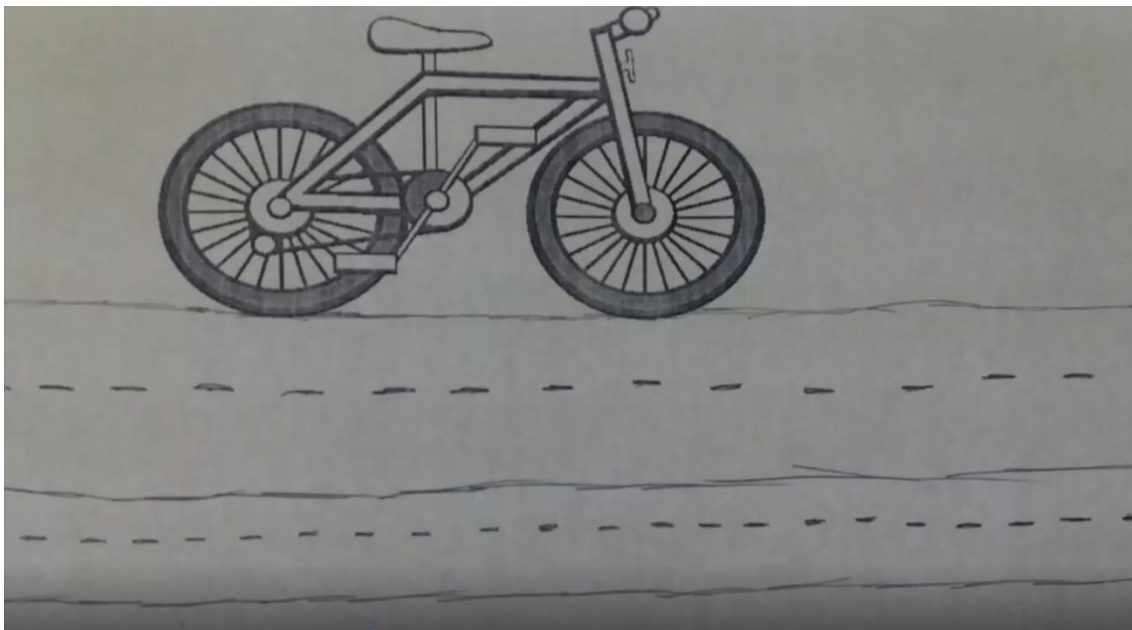
No estacionamento da Escola, apresentamos uma bicicleta modelo urbana para que os alunos conhecessem as peças que estruturam uma bicicleta e os itens de segurança, como também, algumas dicas de manutenção e pequenos reparos. Nesta aula foi entregue aos alunos um papel com um desenho de uma bicicleta, e cada aluno(a) deveria registrar o que lhes remetia a figura da bicicleta. Para além das conversas em roda, foi uma maneira de obter as relações e experiências prévias da turma com a bicicleta.



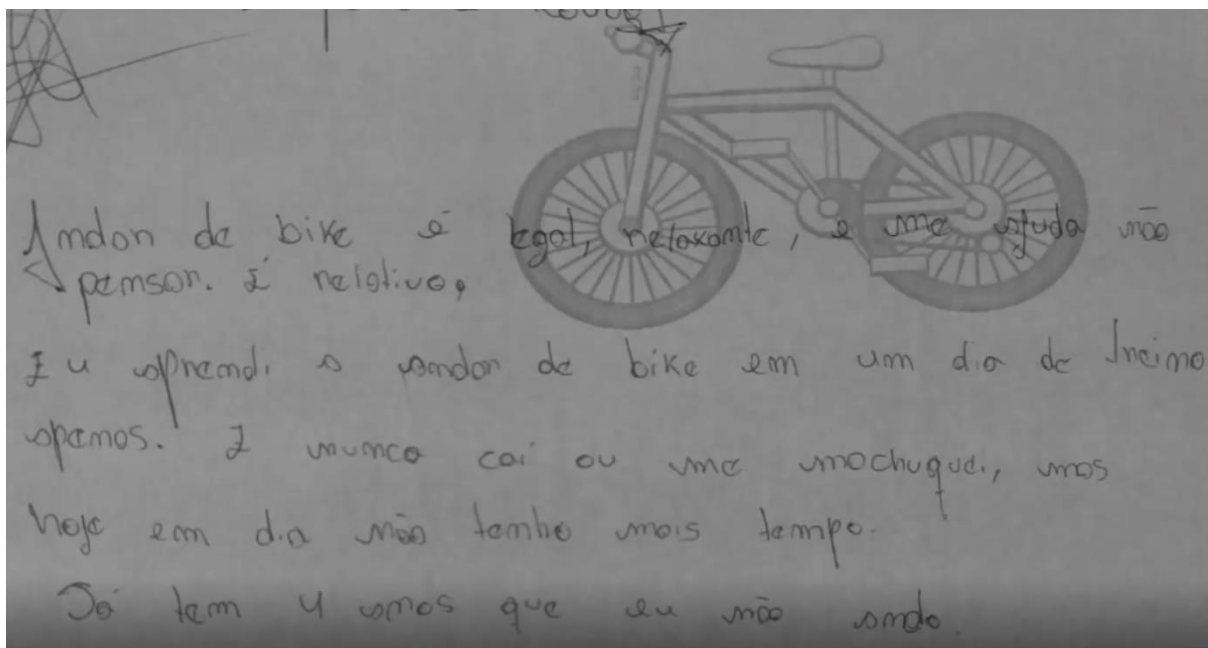
Fonte: Acervo da autora.



Fonte: Imagem da bicicleta fornecida pela Global Bicletas, empresa de Belo Horizonte, e opinião de aluno(a) acerca da bicicleta.



Fonte: Imagem da bicicleta fornecida pela Global Bicicletas, empresa de Belo Horizonte, e opinião de aluno(a) acerca da bicicleta.



Fonte: Imagem da bicicleta fornecida pela Global Bicicletas, empresa de Belo Horizonte, e opinião de aluno(a) acerca da bicicleta.

4º Encontro ó Data: 05/10/2018

Na sala de vídeo, disponibilizamos um vídeo documentário para incentivar o uso ampliado da bicicleta, *Itaú/Ciclos* publicado em 30/01/2017. Os alunos puderam observar a presença da bicicleta no dia a dia das pessoas e relacionar o seu uso consciente no meio social. O vídeo possibilitou uma aproximação com a realidade dos alunos, especialmente com aqueles que já utilizavam a bicicleta para ir à escola e para o lazer, mas, principalmente para aqueles que não tinham a bicicleta como uma prática incorporada adquirirem confiança para andarem e usufruírem dela.

5º Encontro ó Data: 24/10/2018

Nesta aula, que ocorreu no auditório da Escola, promovemos discussões sobre algumas modalidades esportivas realizadas no ciclismo abordando as características e peculiaridades das competições. Os alunos puderam conhecer e perceber a diferença de alguns modelos de bicicletas usadas nas provas esportivas, como a Mountain Bike, utilizada em terrenos irregulares e montanhosos, e a Speed, para corridas de velocidade no asfalto.



Fonte: Acervo da autora.

6º Encontro ó Data: 07/11/2018

Nesta aula construímos um circuito aonde os alunos puderam desenvolver o equilíbrio, o controle e a percepção da lateralidade corporal. Em uma parte do circuito, os alunos foram desafiados a realizarem o percurso sem pisar nas linhas de giz desenhadas no chão e que delimitavam o trecho do percurso. Demonstraram interesse em realizar o circuito e o desafio. Para a realização desta aula foram utilizadas duas bicicletas, sendo uma da Escola.



Fonte: Acervo da autora.





Fonte: Acervo da autora



Fonte: Acervo da autora.

#### 4 AVALIAÇÃO DAS AULAS

Segundo Freire (1997), õquem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprenderõ. Como se deu a participação dos alunos nas aulas teóricas e práticas? E o envolvimento dos alunos nas discussões? Houve a redescoberta da bicicleta? Sua ressignificação? Os alunos demonstraram novos posicionamentos ou mudanças frente às relações geradas acerca da mobilidade e do lazer ativo? E a Escola em relação às bicicletas guardadas? As perguntas contribuíram para a nossa compreensão na observância da aprendizagem e no aperfeiçoamento da prática para a verificação dos objetivos das aulas, como ocorreu o processo de ensino e aprendizagem e o que fazer para aprimorar o aprendizado no âmbito escolar.

Certamente, um tempo maior junto aos alunos e de suas singularidades nos permitiria um avanço na análise do processo de ensino e aprendizagem, ainda assim, podemos tirar desta experiência de estágio, das seis aulas compartilhadas com os alunos da turma 33 E, do 3º ano do 3º ciclo da Escola GETECO, algumas características do envolvimento da turma e de outros atores da Escola no discorrer das aulas. Conforme descrito anteriormente, os alunos, de uma forma geral, demonstraram interesse em participar das atividades propostas, em dialogar sobre as questões que abrangiam a bicicleta apesar das dificuldades inerentes ao conteúdo e de seu desenvolvimento no âmbito escolar. A bicicleta, de certa forma, protagonista em um determinado tempo, fez com que professores e funcionários também a observassem com outro olhar, na medida em que imputavam créditos pela sua presença física e de suas possibilidades como conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física.

Na experiência de sua incorporação como conteúdo escolar pudemos, ainda, verificar sua inserção com as outras áreas de conhecimento, como a das Ciências, da Geografia, da História, da Filosofia, da Sociologia, das Artes, da Matemática, da Física e da Química, possibilitando através das relações interdisciplinares, transitar em diversos assuntos utilizando a bicicleta e ampliando as discussões em torno do seu eixo temático, e contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem.

Em função da interrupção no acompanhamento da turma de alunos e a descontinuidade do conteúdo programado, um avanço õa posterioriõ na avaliação do processo educativo passa a ser comprometido, no entanto, é importante ressaltar que

houve o ponto de partida, o início da superação das dificuldades escolares no desenvolvimento do conteúdo programado, e o entendimento pelos sujeitos escolares das suas possibilidades no universo escolar.

(...) avaliação não é o ato pelo qual A avalia B. É o ato por meio do qual A e B avaliam juntos uma prática, seu desenvolvimento, os obstáculos encontrados ou os erros e equívocos porventura cometidos. Daí o seu caráter dialógico... Nesse sentido, em lugar de ser um instrumento de fiscalização, a avaliação é a problematização da própria ação (FREIRE, 1981).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a dinâmica das rodas de conversas e discussões, o desenvolvimento dos conceitos pertinentes à bicicleta foi alargando-se e moldando-se conforme as vivências dos alunos. Diferentes formas de utilização da bicicleta e também do uso de outros modais como skates, patinetes e carroças emergiram dos diálogos. Percebemos que como meios de transporte exíguos e presentes no meio social, os diferentes modais representam para aqueles que os utilizam uma forma econômica, acessível, sustentável e prazerosa de se locomoverem na cidade. Nas aulas, suscitou a importância do conhecimento das regras de trânsito para promover a confiança e a segurança no trânsito e estimular o uso devido dos diferentes modais na sociedade.

Questões importantes relacionadas à segurança dos ciclistas foram discutidas, como o uso de capacetes e óculos, e da tomada do posicionamento corporal na ação de pedalar. Como esses itens interferem na segurança e na decisão de pedalar na cidade, e como são construídas as relações do uso do espaço urbano. Na relação sobre a segurança do uso de capacete, obrigatório<sup>6</sup> na ação de pedalar, foi discutida a sua significação e suas diferentes interpretações geradas no trânsito. O uso do capacete diminuiria a frequência e impediria a ocorrência de acidentes ou o seu uso implicaria na diminuição dos riscos de danos cerebrais para os ciclistas.

Chegamos à conclusão de que o uso do capacete não impede a ocorrência de acidentes, para isto, deveria haver a prudência e o respeito no trânsito<sup>7</sup> e nos espaços urbanos por todos os usuários que compartilham as vias públicas. O sentido da obrigatoriedade do uso de capacete denota a insegurança na mobilidade nas vias públicas, gerando a diminuição do uso da bicicleta na cidade.

---

<sup>6</sup> No Brasil, o uso do capacete não é obrigatório.

<sup>7</sup> As regulamentações do Código Brasileiro de Trânsito, criadas para garantir a integridade física dos ciclistas são insuficientes e as existentes invisíveis aos olhos de muitos motoristas e fiscais de trânsito.

Os alunos, ao conhecerem os movimentos acerca do trânsito compartilhado pelos ciclistas, puderam desenvolver o entendimento de como devem agir ao compartilharem a cidade - priorizando os pedestres, mantendo a distância segura em relação às pessoas e aos veículos que estão à frente e na lateral, utilizando a bicicleta sempre que possível na margem direita das vias evitando sua proximidade do meio-fio das calçadas, devendo sinalizar com o braço a intenção de mudança de direção e de movimentos, reforçando a segurança na utilização da bicicleta no período da noite, não realizarem manobras radicais nas vias públicas e nunca õpegarem caronaõ com os veículos que estão à frente. Discussões que emergiram em função da idade e vivências dos alunos.

Puderam perceber como as relações humanas vão sendo construídas conforme o posicionamento e a conduta adotada, por cada corpo, ao se locomover, seja na extensão de uma bicicleta, fora dela, ou no interior de um veículo, e, como se dá o direito de ir e vir nas cidades.

A discussão com a turma de alunos trouxe também questões econômicas apontando a bicicleta como um meio de transporte mais barato e que traz benefícios para a saúde, evitando gastos no transporte para a escola e para o trabalho, além de melhorar a condição física de quem pedala e podendo gerar economias para as famílias.

Tivemos a presença de um ciclista que trouxe seu depoimento sobre como é ser ciclista na cidade e no esporte. Mostrou como é andar de bicicleta em diferentes contextos e pisos, pedalando uma bicicleta urbana na cidade ou pedalando uma mountain bike nas trilhas e nos relevos acidentados, e a bicicleta de corrida (speed) na estrada, tornando a bicicleta viável para a prática de esportes.

Apresentamos, ainda, para os alunos, os componentes estruturantes da bicicleta como o guidão, mesa, manopla, manete de freio, selim, quadro, suspensões traseiras e dianteiras, câmbio, aro, corrente, raio, cubo, pneu e pedal, permitindo com que os alunos identificassem e entendessem o seu funcionamento.

Para a última aula, conseguimos montar, ao menos, uma bicicleta da escola, que estava guardada e desmontada, e, juntando à minha bicicleta, com a qual eu ia sempre para o estágio, oferecemos uma aula prática em que todos os alunos puderam participar de um circuito montado no estacionamento da Escola.

O processo de montagem das bicicletas para a realização da Unidade Didática, foi difícil, devido às questões complexas que envolviam gestão e planejamento escolar. Como montar 17 bicicletas e guardá-las montadas na Escola? Como garantir a segurança na utilização das mesmas pelos usuários da Escola? Desta forma, de acordo com o contexto e a realidade escolar, naquele momento, foi possível a montagem de apenas uma bicicleta que ficou guardada na Diretoria da Escola para, segundo o professor Ricardo Faleiro, diretor do GETECO, manter latente o desejo de ações e programas que propiciem a elaboração e execução de projetos objetivando o uso das bicicletas dentro e fora da Escola.



Fonte: Bicicleta da Escola, modelo Monark.

Importante ressaltar que dois alunos da turma, uma adolescente e um adolescente puderam andar de bicicleta pela primeira vez. O(a)s aluno(a)s possuíam as suas singularidades e para ensiná-los a pedalar, tínhamos que deixá-los tranquilos e confiantes. Cada aluno(a) com o seu tempo para aprender, e, desta forma, adaptamos o(a)s aluno(a)s iniciantes no banco baixo da bicicleta para que sentissem segurança. Pedimos que empurrassem a bicicleta com os pés no chão, com as mãos na manopla e os dedos no freio sem apertá-los. Sugerimos que aos poucos tirassem os pés do chão e tentassem equilibrar-se com mais velocidade no movimento. Um(a) colega, posicionado ao lado, poderia auxiliar na manutenção do equilíbrio. Desta forma, puderam pela primeira vez andar de bicicleta.

Cabe à escola problematizar e possibilitar um entendimento plural das práticas corporais na construção do saber, com foco na ação de pedalar. Ao relacionar as vivências do cotidiano dos alunos nos processos de ensino e aprendizagem e ao aproximar os conhecimentos compartilhados da realidade social dos mesmos, a escola gera oportunidades para que os alunos sejam sujeitos no processo de aquisição do conhecimento, possibilitando-lhes a transformação em novos conhecimentos. A escola pode propor e viabilizar intervenções pedagógicas para que a experiência do andar de bicicleta seja instigante e motive os alunos a conhecerem mais sobre a prática corporal e a buscarem aprendizados nas diferentes experiências, ampliando as janelas para o entendimento e compreensão do mundo no qual estão inseridos.

## REFERÊNCIAS

A ESCOLA é o principal motivo para crianças pedalarem. Disponível em: <http://www.esquina.net.br/2018/06/13/a-escola-e-o-principal-motivo-para-criancas-pedalarem/>. Acesso em: 05 out. 2018.

ALMEIDA JÚNIOR, A.; OLIVEIRA, C. M. Qual a relação entre as teorias críticas da educação física e a prática pedagógica na escola? Uma reflexão a partir de seus sujeitos. **Motrivivência**. Ano XIX, n. 28, p.12-26, julho/2007.

APRENDER NA CIDADE. **A cidade como currículo**: pesquisador espanhol desafia escola a olhar a rua. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/11/12/cidade-como-curriculo-pesquisador-espanhol-desafia-escola-olhar-rua/> Acesso em: 21 março 2018.

BICICLETA Brasil ó Pedalar é um direito. Canal Bike é Legal. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=MRadb3\\_guDk](https://www.youtube.com/watch?v=MRadb3_guDk). Acesso 18 out.2018.

BICICLETA faz sentido em São Paulo? ó Canal Cidade Ocupada (com Fred Melo Paiva). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Es85U\\_ehzns](https://www.youtube.com/watch?v=Es85U_ehzns). Acesso em: 05 set. 2018.

BICICLETA: história, partes e benefícios. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/2831-bicicleta.html>. Acesso em: 13 set. 2018

BOCCHINI, D.; MALDONADO, D.T. Andando sobre rodas nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**. v. 26, n. 43, p. 277-286, dezembro/2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2014v26n43p277>.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Editora Magister Ltda. 1997. 122p.

BRACHT, V. *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

BRUHNSH, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. *In*: SERRANO, C.M.T.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. Campinas: Editora Papyrus, 2007. p.125-140.

CALDEIRA, A.M.S. Elaboração de um projeto de ensino. **Presença Pedagógica**, v.8, n.44 mar./abr. 2002.

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP ó Espaço e Tempo**. São Paulo, v.18, n.2, p. 472-486, 2014.

CARROS são pragas urbanas? Canal Cidade Ocupada (com Fred Melo Paiva). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcbsnUiPrOo>. Acesso em: 15 março 2019.



CARVALHO, M. L.; FREITAS, C. M. Pedalando em busca de alternativas saudáveis e sustentáveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.6, p.1617-1628, 2018.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 351 p.

CRIANÇAS que vão à escola de bike se concentram mais, diz estudo. *Ciclo Vivo*. Disponível em <http://www.mobilize.org.br/noticias/3709.html>. Data da postagem: 19/03/2013. Acesso em 25 abr.2018.

CULTURA Pop Brasileira. Ciclistas urbanos. Canal Warner Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tyPhTAzSvcQ>. Acesso em: 05 set.2018.

DAYRELL, Juarez T. (org). **A escola como espaço sócio-cultural**. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAOLIO, J. A cultura na Educação Física. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, São Paulo: Autores Associados Ltda. 2004. Coleção Polêmicas do no tempo. p. 13-56.

DESTEFANI, C. **Curitiba, de bicicleta**. *Gazeta do Povo*. 2013. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/columnistas/nostalgia/curitiba-de-bicicleta-2hda0k0624h4g24y5s00qgmkv/>. Acesso em: 05 ago.2018.

**Dinamarca, o país da felicidade**. Globo Repórter. Programa exibido em 17/11/2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-reporter/edicoes/2017/11/17.html#!v/6>. Acesso em: 30 maio 2019.

DIAS, J. A.; SILVA JÚNIOR, J. A.; SILVA. M G. **Utilização da bicicleta como modo de transporte em uma cidade montanhosa conforme condição física das pessoas**. UR. n.8. junho 2015. Disponível em: [http://pluris2014.fa.ulisboa.pt/revista\\_UR/1188%20UTILIZACAO%20DA%20BICICLETA%20COMO%20MODO%20DE%20TRANSPORTE%20EM%20UMA%20%20CIDADE%20MONTANHOSA%20CONFORME%20A%20CONDICAO%20FISICA%20DOS%20USUARIOS.pdf](http://pluris2014.fa.ulisboa.pt/revista_UR/1188%20UTILIZACAO%20DA%20BICICLETA%20COMO%20MODO%20DE%20TRANSPORTE%20EM%20UMA%20%20CIDADE%20MONTANHOSA%20CONFORME%20A%20CONDICAO%20FISICA%20DOS%20USUARIOS.pdf). Acesso em: 03 ago. 2018.

DOCUMENTÁRIO completo **Itaú | Ciclos** |. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WHO31WxVwCE>. Acesso em: 30 jan. 2017.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1976. 333 p. (Debates 82: Ciências Sociais).

ECCO, Idanir. NOGARO, Arnaldo. **A educação em Paulo Freire como processo de Humanização**. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12. PUCPR. 26 a 29 de outubro. 2015.

ESCRITOS de Marilena Chauí. O que é cultura? Canal Grupo Autêntica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YQcFNoiDMw> Acesso em 31 maio 2019.

FERRARI, R. D.; PIRES, G. de L. Bicicleta, lazer e mobilidade urbana: uma experiência em mídia-educação. **Licere**, v. 14, n.4, dezembro 2011.

FERREIRA, Débora. **Na trilha da tocha**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=bicicleta+projeto+na+escola+filme+ana+maria+destri>. 2016. Acesso em: 10 maio 2019.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1981. 149p.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015. 262p.

GUARNACCIA, M. **Provos, Amsterdam e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

KRAMER, S. **O que é básico na escola básica?** Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. Capítulo 1, p. 11-24. Seminário A construção da educação brasileira. UFRJ. Rio de Janeiro, junho/1997.

LEITE, L. H. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. **Presença Pedagógica**. v. 2, n. 8. mar./abr. 1996.

LIBERATO, L. V. M. **Bicicleta em tempo de contestação**. 2003. Disponível em [http://www.helsinki.fi/aluejakulttuurintutkimus/tutkimus/xaman/articulos/2004\\_01/bicicleta\\_tempo\\_contestacao.pdf](http://www.helsinki.fi/aluejakulttuurintutkimus/tutkimus/xaman/articulos/2004_01/bicicleta_tempo_contestacao.pdf). Acesso em: 15 março 2019.

LUDD, N. (Org.). **Apocalipse Motorizado**. 2. ed. Editora Conrad, 2005.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e cultura**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007. 224p.

MELO, V. A., SCHETINO, A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.1, p. 111-134, 2009.

NEIRA, M.G. Análise e produção de relatos de experiência da educação física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**. São Paulo, v.53, p. 53-63, novembro 2007.

OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias emergentes no ensino da educação física. **Revista da Educação Física/UEM**, v.8, n.1, p. 21-27, 1997.

PACHECO, C.V.; VELOZO, E. L. A bicicleta e o ciclismo na literatura científica brasileira e suas relações com a educação do corpo. **Espacios**. v. 38, n.1, 2017, p.16. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n01/a17v38n01p16.pdf>.

PAIXÃO, J.A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**. v. 29, n. 50, p.170-182, maio/2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042,2017v29n50p170>.

PERSPECTIVA para o ensino da educação física escolar: como fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer? Pesquisa desenvolvida no curso de graduação de Educação Física/UNIJUÍ. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 24. Salão do Conhecimento. 2015.

PROJETO bicicleta na escola. 2012. Disponível em: <http://rebrinc.com.br/noticias/educacao/projeto-bicicleta-na-escola/>. Acesso em 08 março de 2018.

PROVIDELO, J.K; SANCHES, S. P. **Percepções de indivíduos acerca do uso da bicicleta como modo de transporte**. Disponível em: <http://revistatransportes.org.br/anpet/article/view/424>. Acesso em: 27 março 2015.

TRANSPORTE cicloviário, setembro (2007), BNDS, ANTP, Agência Nacional de Transporte Públicos, Série cadernos técnicos, v. 7.

SARTORI, L. M. **O uso da bicicleta na orla da Lagoa da Pampulha**: relações entre requalificações urbanas, o direito à cidade e experiências de lazer nos espaços públicos, 184 p. 2018 ó Dissertação de mestrado em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

SCHETINO, A. M. **Pedalando na modernidade**: a bicicleta e o ciclismo na transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro. Editora Apicuri, 2008.

SILVA, A. M.; LAZZAROTI, A.; ANTUNES, P. Práticas Corporais. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Revisada e ampliada. Ijuí: Unijui, 2014. 679p.

SEGURANÇA no Trânsito. Código de Trânsito Brasileiro. Disponível em: <http://www.escoladebicicleta.com.br/dicasCTB.html>. Acesso em: 28 ago.2018.

TEIXEIRA, J. P. G. e colaboradores. Políticas públicas de mobilidade urbana e práticas corporais: repercussões do sistema de bicicletas compartilhadas. **Motrivivência, Revista de Educação Física, Esporte e Lazer/Labomídia/UFSC**, v. 28, n. 49, 2016.

VAGO, T. M. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, p. 25-42, setembro 2009.

VÍDEO. **História da bicicleta**. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=62hlggoTXAo>. Acesso em: 10 ago.2018.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. Tradução Cláudia Berliner. 3. ed. São Paulo, 2004.

## ANEXO I

### Depoimento do professor **Rodrigo Gavioli:**

õEles idealizaram um projeto de ciclismo aqui na Escola Municipal Geraldo Teixeira da Costa. E..a gente entende que foi um projeto bastante interessante pra Escola porque os alunos puderam analisar e problematizar, é,,e práticas que eles não estão acostumados a fazer de uma forma mais sistematizada. O projeto fez uma leitura dessa prática em três viés, né? A bicicleta...enquanto o uso da bicicleta no esporte, na mobilidade urbana e no lazer. Então foram feitas essas discussões com os alunos. Algumas ideias que a gente teve no início...de práticas, não foram possíveis de serem feitas em função de verba da Escola, mas, eu acho que o projeto atendeu a expectativa de aprendizagem pro tempo pedagógico que estava previsto. Eu acho que a gente conseguiu dar o pontapé inicial pros alunos terem a oportunidade de vivenciar outras práticas corporais, né? E fazer um movimento na Escola pra que esse projeto, ele gere frutos, né? E, e...o ciclismo, ele possa ser realmente utilizado. Para o ano que vem existe uma possibilidade de uma continuidade desse projeto, uma vez que a Escola recebeu bicicletas, né? Então as professoras estão em diálogo com a direção da Escola pra gente viabilizar um uso, seja no âmbito do lazer, no âmbito da mobilidade urbana, né? E quem sabe até no âmbito esportivo. Então o projeto foi muito válido e a gente tem boas expectativas para o ano que vem.õ

### Depoimento do diretor **Ricardo Faleiro:**

õO projeto...ele acabou surgindo, assim, pra direção, com contato agora no segundo semestre. E aí a gente...teve a oportunidade de tá despertando esse olhar pra questão das bicicletas. Eu acho isso sempre muito difícil, desafiador, né, principalmente pra quem está no lugar da gestão, porque a prática em si, como outros esportes também. A vivência da bicicleta é uma coisa muito complexa. Ela envolve muitas coisas que às vezes a direção não consegue gerir. Que é a questão do próprio aparelho, né? Da própria bicicleta. É...a questão da mobilidade urbana também que é aonde ir com essa bicicleta. A questão da segurança, dos equipamentos, são todas coisas que não são comuns em escolas. Os caminhos pra se conseguir também não são muito fáceis, assim...a questão de um equipamento de segurança, o caminho pra poder se pagar aí ...o capacete, e, e os outros instrumentos de proteção, né? O equipamento de proteção, de segurança, equipe de segurança mesmo. Se um dia é....a gente for pra rua, é policiamento, é trânsito, são todas, assim, coisas complexas. Não que sejam impossíveis, eu acho que escolas, algumas escolas podem até tá fazendo, mas não são comuns. Então acaba que a direção não, não pensa muito nesse tipo de vivência, como a natação, como outros esportes que são mais difíceis de vivenciar. Com a chegada do projeto, assim...ele sempre trás de novo esses questionamentos de como se fazer. A gente deixa õeleõ guardado, mas a gente não pensa. Aí quando chegam pessoas pensando nesses tipos de atividade, a gente volta então a ficar pensando: dá pra fazer? Como fazer? Qual é o caminho? Então, esse eu acho o principal, assim...de pessoas voltando a se pensar esse tipo de projetos que ficam um pouco esquecidos, né? A gente teve aqui, uns quatro anos atrás, uma doação da Prefeitura pra Escola de várias bicicletas. Era do programa *Pedala BH*. E na época até se pensou no *Pedala Escola*. Doaram-se umas bicicletas para a gente sem projeto, pelo tamanho da nossa Escola, nossa Escola tem um espaço físico muito grande. Então essas bicicletas foram doadas e guardadas. E aí tão guardadas há uns três anos e, com a chegada do

projeto então a gente se pensou em como utilizá-las de novo. E aí vem uma série de desafios mesmo. Mas assim...pode ser o mais simples, mas é o primeiro passo, que é se montar uma bicicleta. Então não tinha se montado, então...eu comecei na direção esse ano, e com a chegada, e a procura do pessoal do projeto, assim ...né, com as vivências aqui na Escola fez assim: vamos lá então montar uma bicicleta. E assim...isso é muito importante. É o primeiro passo. A gente tem dezessete bicicletas, mas se montar, vê como funciona, né? Como a gente pode adequar essa bicicleta ao aluno que a gente tem. Então esse despertar aí, né? Ele, ele é muito importante. Então hoje a gente tem aí a bicicleta montada. Vamos montar as outras, aí a ideia é montar o bicicletário. Se pensar nas vivências fora da escola e dentro da escola é um desafio, fora da escola é um desafio maior ainda. O projeto trouxe contatos, possibilidade de contatos com empresas que podem nos ajudar de alguma forma, fazer uma parceria com a Escola. E isso desperta ...assim ...é o diferencial. Eu acho que...eu também sou formado em Educação Física. Então eu sei que...a gente tem alunos que não sabem andar de bicicleta, a gente tem alunos que não têm bicicleta, a gente tem alunos que talvez a oportunidade de aprender e vivenciar a bicicleta vai ser aqui na escola, então eu acho assim.... isso muito importante. Então é um ganho, é um início. É... pode parecer simples, mas para mim não é. Montar uma bicicleta, já deixar... tá lá na direção. Todo mundo que passa lá vê, olha, pergunta porque tá lá. Os professores também, funcionários. Então...e eu até fiz questão de deixar ãelaõ lá, porque ocupa um espaço, mas é um espaço que todo mundo vê:

- Ó montou uma bicicleta. De onde que é essa bicicleta?

-Ah, é da escola.

- Porque?

Aí eles começam também a se questionar e quando esse projeto surgir e as pessoas abraçarem também, vai ser um ganho. Aí uma escola conseguindo da Rede, também pode despertar para outras escolas também, aí as coisas vão crescendo. Eu imagino que foi uma ideia boa e que fez a Escola resgatar aí uma coisa que tava esquecida. E a ideia até de disponibilizar é, a...o passeio com as bicicletas também, é uma coisa que a gente não, não tinha...pensado. Então eu acho que são só benefícios aí que a Escola consegue, né?õ